

Emprego

Os serviços públicos de emprego da Suécia preenchem 40 por cento dos postos criados

O modelo sueco é um exemplo na política de emprego. Mas, a breve trecho, a Suécia terá um desafio pela frente. Pela primeira vez, os que saem do mercado serão mais do que os que entram

João Ramos de Almeida

● Os serviços públicos de emprego da Suécia colocam 40 por cento dos empregos criados. Em Portugal, segundo o INE, os centros de emprego só preenchem uma ínfima parte.

“Não é mau, mas para nós é pouco”, afirmou ao PÚBLICO Soledad Grafeuille, quadro desses serviços, responsável pela estratégia nacional de colocação de desempregados.

Há várias razões para este hiato. Uma é a consciência pública sueca de que o trabalho é a forma de integração social por excelência. “O sueco desempregado nunca assume que o está”, afirma Soledad Grafeuille.

Depois, há a dimensão dos serviços. Na Suécia, são dez mil funcionários e três quartos têm contacto directo com quem procura emprego. Cada funcionário segue entre 250 a 300 desempregados. Em Portugal, são 3800 funcionários, dos quais só mil seguem desempregados. Cerca de 1800 estão nos centros de formação profissional, ou seja, cada um dos funcionários portugueses segue o dobro dos suecos.

Mas há outra razão: a articulação que há, na Suécia, entre os serviços de emprego e os sindicatos na gestão dos subsídios. “Os sindicatos fazem muito do trabalho dos serviços de emprego”, explica Soledad Grafeuille.

Quando um trabalhador cai no desemprego e o comunica aos serviços de emprego, há uma ligação directa com o sindicato respectivo. E é o sindicato que lhe paga o subsídio. “Quando há um estágio, uma oferta de emprego ou um trabalho subsidiado, o sindicato tem de os aprovar. E o sindicato pode recusar o emprego, se o salário for muito baixo. “Se o salário é mais alto, não dizem nada”, sorri Soledad Grafeuille.

Mas a participação dos serviços públicos poderá subir no futuro próximo. A taxa de desemprego na Suécia estava em 2010 nos 8,4 por cento. Mas a Suécia vive actualmente um período difícil. Pela primeira vez, no próximo ano, o número de pessoas que vai sair do mercado laboral – por envelhecimento – vai ser superior ao número de pessoas que se espera que tenham emprego.

Em parte, a imigração poderá resolver esse défice. “Por dia, estão a chegar ao aeroporto 50 pessoas, vindas sobretudo da Roménia, Polónia, América Latina, Portugal, Grécia. Ciganos também. É muito!”, diz Soledad, ela própria filha de exilados argentinos da década de 70.

Por tudo isto, os serviços estão a dirigir-se às grandes empresas para

O sector automóvel gerou há dez anos desemprego de longa duração



Na Suécia, há um técnico de emprego para 250 inscritos. Em Portugal, é mais do dobro

as convencerem a assumir a sua responsabilidade social no combate ao desemprego.

“Estamos a procurar directamente as próprias empresas para saber que tipo de mão-de-obra precisam”, conta Soledad Grafeuille. Há 20 anos, os serviços de emprego já faziam isso. Mas com as facilidades de contacto online, passaram a incentivar a procurar por parte dos desempregados. “Era o sistema do envio do *Curriculum vitae* (CV). Só que os serviços de emprego estão a dar-se conta de que, assim, não vão lá. As empresas não escolhem as pessoas que estão fora do mercado, mas sim as que trocam de emprego”, afirma Soledad.

O novo projecto agrega já uma vin-

tena de grandes empresas, além de bancos e autarquias. “Está a acontecer com a Volvo, ABB, Scania. O projecto tem já dois anos e está a ter muito bons resultados.” A ideia é convencê-los de que não podem exigir de quem está desempregado que cumpra a 100 por cento o que a empresa quer. A parte que faltar os serviços de emprego preenchem com formação.

Mas para já a grande maioria dos desempregados não é abrangida.

Apoios ao desempregado

De qualquer forma, os desempregados têm muitos apoios. No caso dos imigrantes, começa com a aprendizagem paga de sueco.

O subsídio de desemprego é, no máximo, de 580 coroas por dia (1740 euros por mês; em Portugal é de 1257, mas, em 2012, ficará em 1048 euros). Após três anos, o Governo sueco e os sindicatos pagam outro subsídio que pode ir além dos cinco anos. Há ainda os apoios sociais, mas de valor diminuto. Não se fala de fraude por parte de desempregados, porque, afirma Soledad, “o trabalho é tão importante, que é terrível ficar sem ele”.

No início, os serviços de emprego ajudam o desempregado a construir um CV. Nos primeiros 90 dias, ele pode escolher emprego de entre as suas habilitações, mas depois é qualquer trabalho. “E se os serviços de emprego encontram trabalho e o desempregado recusa, o sindicato é informado e corta-lhe o subsídio. Porque eles estão interessados que as pessoas voltem a trabalhar.”

O desempregado tem de ir aos serviços uma vez por mês provar que procurou emprego. “E, se fica entre cinco a seis meses desempregado, é-lhe dada informação sobre cursos de habilitação. Entre seis meses a um ano, terá ajuda sobre actividades que deve procurar, noutras regiões.”

Se a empresa é de outra região, paga-se os transportes para a entrevista. Se as habilitações não forem suficientes, paga-se a formação no desemprego. No caso de o emprego ser noutra cidade, paga-se-lhe a mudança de casa e um subsídio regional para transportes semanais, quando a família fique noutra localidade.

“Quem tem experiência e é sueco – porque a língua é um factor essencial – fica no máximo três a quatro

meses no desemprego.” Mais complicado é o caso dos jovens que nunca tiveram um emprego ou das pessoas que não voltaram ao mercado ao fim de cinco a seis anos. E mais complicado porque só recebe subsídio quem trabalhou, no mínimo, seis meses.

Actualmente, “apenas 30 a 40 por cento das pessoas que estão inscritas nos serviços de emprego recebem subsídio. A maioria recebe o subsídio do *welfare*. Ou não tem nada. Seja porque chegou agora à Suécia, seja porque está ainda em casa dos pais”. Há um desalento entre os jovens. Muitos não terminaram o segundo grau do ensino secundário (entre os 15 e os 18 anos) que é obrigatório para qualquer emprego, porque o ensino ficou mais exigente em Matemática, Inglês e Sueco. Por outro lado, a integração dos imigrantes está a ser difícil.

Os dirigentes dos serviços de emprego consideram que tudo isso tem de ser mudado. “Acho que o imigrante está disposto a mudar, e a morar onde for, se tiver um emprego. O emprego muda tudo. Mas é preciso encontrar esse emprego. E por isso estamos a ajudar as empresas a mudar de atitude”, afirma Soledad.

SVEN NACKSTRAND/AFP